

“Eu não sou sua princesa”: um diálogo entre mulheres

“I am not your princess”: a conversation between women

DOI:10.12957/ek.2019.49318

Dnda. Fernanda Vieira
fernandavieira@ikamiaba.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
[UERJ/FAPERJ], Boston University [BU - EUA]

Partindo do pressuposto de que a luta das mulheres Indígenas não começa na invenção do feminismo e que, de fato, o conceito de feminismo vem da Europa, este artigo se propõe a dialogar brevemente sobre mulheres Indígenas, feminismos e literatura, através do poema da escritora Indígena Chrystos (1946), “Eu não sou sua princesa” (1988), por mim traduzido. Chrystos discorre sobre os estereótipos e expectativas projetados sobre as mulheres Indígenas na contemporaneidade enquanto resultado da homogeneização feita pelo entendimento feminista eurocêntrico que não as permite espaço enquanto mulheres Indígenas, mesmo quando versadas na cultura da branquitude. Grande parte da retórica do feminismo branco não reverbera nas mulheres Indígenas, mas isso não significa que todos os aspectos do feminismo branco são rejeitados, e as partes compartilhadas não tornam mulheres feministas menos Indígenas. O engajamento com as pautas étnicas, ecológicas e de soberania não apaga a pauta de gênero, resultando no acúmulo de camadas de opressão que precisam ser vencidas. Este trabalho propõe um olhar para o poema de Chrystos que vai além de um discurso feminista branco, propondo uma prática decolonial que seja capaz de produzir outros mundos possíveis e novas epistemes.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres Indígenas. Feminismos.
Decolonizar. Literaturas Indígenas

Based on the assumption that the struggle of Indigenous women did not begin with the invention of feminism and that, in fact, the concept of feminism comes from Europe, this article proposes to briefly discuss Indigenous women, feminisms and literature, through the poem by Indigenous writer Chrystos (1946), “I am not your princess” (1988) , translated by me. Chrystos discusses the stereotypes and expectations projected on Indigenous women in contemporary times as a result of the homogenization made by the feminist Eurocentric understanding that does not allow Indigenous women space, even when they are versed in the culture of whiteness. A large portion of the rhetoric of white feminism does not resonate with Indigenous women, but that does not mean that all aspects of white feminism are rejected, and the parts shared do not make feminist women less Indigenous. Engagement with ethnic, ecological and sovereign guidelines does not erase the gender agenda, instead accumulating in layers of oppression that need to be overcome. This work proposes a look at Chrystos’ poem that goes beyond a feminist discourse, proposing a decolonial practice that is capable of producing other possible worlds and new epistemes.

KEYWORDS Indigenous Women. Feminisms.
Decolonize. Indigenous Literatures

In the beginning was thought,
and her name was Woman.

Paula Gunn Allen

É no eco da língua do meu povo, que não falo, que ouço a força das mulheres Indígenas através dos tempos. Ela vibra no meu corpo e reverbera nos meus passos. E é pela língua do colonizador que faço chegar ao presente todas aquelas que vieram antes de mim e que carrego comigo. Contudo, falo da minha perspectiva de mulher urbana, mestiça, Indígena, suburbana e não como a voz representante de todas as mulheres, Indígenas ou não. Isso seria recolonizar nossos caminhos e totalizar nossa existência, uma prática colonial recorrente. Nenhuma mulher Indígena pode falar por todas e não é possível resumir a mulher Indígena através de uma teoria ou pensamento feminista único (MIHESUAH, 2003, p. xx). Por mais que compartilhemos a opressão histórica da colonialidade, a forma como experienciamos essa mesma opressão não é uniforme, variando social, cultural, étnica e economicamente. É importante ressaltar que a luta das mulheres Indígenas não começa na invenção do feminismo. Se compreende que o conceito de feminismo vem da Europa, mas sua criação não inventou a luta das mulheres contra a opressão e o patriarcado.

Ao dialogar sobre a mulher no poema “Eu não sou sua princesa” de Chrystos (1988, p. 66-67,¹), preciso reafirmar que a categoria eurocêntrica de “gênero”, baseada no binarismo homem/mulher e retratada como universal há séculos, há algum tempo vem sendo questionada, problematizada e tratada como construção social e não como aspecto biológico (ASSUMPÇÃO, 2018, p. 27). Os termos “mulher” e “mulheres” já não parecem mais tão evidentes e não são definidos unicamente pela biologia, nem seguem um padrão universal ou monolítico. A visão adâmica de mundo que nomeou tudo o que viu e criou as classificações raciais nos processos coloniais, impondo essa construção arbitrária como ferramenta de dominação e hierarquização do mundo colonial, é a mesma que impõe o binarismo e a hierarquização de gênero. Assim, não assumo uma definição de mulher de forma universal e me volto para o entendimento de que sociedades diferentes têm entendimentos diferentes de gênero e que estes mudam com o tempo.

¹ *I am not your princess* (CHRYSTOS, 1988, p. 66-67). Toda a tradução do poema citado neste trabalho é nossa.

As mulheres Indígenas seguem estereotipadas e não apenas nos filmes, na televisão, na literatura e nas redes sociais. Seguem como matéria de exposições em museus, fotografias em livros didáticos, personagens no imaginário nacional, criaturas de um mito fundador de um estado-nação que as quer presas ao passado colonial. Nós, mulheres Indígenas, somos objetos de estudo, objetos de desejo, objetos do desprezo. Nos acusam de chegar onde chegamos por conta da nossa etnicidade, desmerecendo nossos méritos enquanto seguem nos pesquisando com a autoridade de novos Colombos. Entramos no imaginário social de um país em nascimento pela carta de Pero Vaz de Caminha, hiper sexualizadas, acessíveis, infantilizadas, incapazes de agência e permanentemente disponíveis. Aquelas aos quais o colonizador não sente pudor em olhar, tocar, brutalizar e objetificar.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha (CAMINHA, 1997 [1500], p. 21).

No projeto de criação de uma literatura nacional, José de Alencar nos escreveu *Iracema*: anagrama de uma América virgem que trai o seu povo, ama o seu invasor e faz alimentar a mentira que é a democracia racial na Terra das Palmeiras.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas (ALENCAR, 2015 [1865], p. 10)

Se nossos lábios são de mel é porque engolimos as abelhas e agora devolvemos seus ferrões como palavras e reafirmamos nosso espaço no mundo e a criação de um novo mundo possível, desapegado das práticas coloniais que ainda

nos perseguem como fantasmas de caravelas passadas. Nós sobrevivemos ao dilúvio de boas intenções que tentaram – e tentam – apagar nossas identidades e nos diluir em uma massa que reflete a imagem e semelhança do colonizador. Como mercúrio líquido, como um reflexo distorcido e tóxico ao mundo.

O ideário que se construiu sobre as mulheres Indígenas se baseia em escritos de não-Indígenas, com sua visão de mundo e de sua visão de nós. A academia, branca e masculina em sua grande maioria, nos escreve pelo reflexo de si mesma. Os dados antropológicos coletados carregam a visão de quem os coleta. É necessário considerar que os dados sobre as mulheres Indígenas foram, em sua maioria, coletados, registrados e analisados por uma academia de visão andro-eurocêntrica. Assim, se o comportamento masculino está vulnerável pelas muitas visões hegemônicas, o componente feminino estará quase completamente comprometido pela visão limitada de seus estudiosos evidenciando, além de uma deficiência no registro antropológico, uma deficiência epistemológica. Obviamente há exceções nos campos de pesquisa e não vamos incorrer no equívoco da totalização. Nós, mulheres Indígenas, não somos uma unidade. Não somos uma massa uniforme e homogênea. Organismo unicelular. Somos diversas, plurais, múltiplas, complexas. Pensar a “mulher Indígena” como monólito é cair na armadilha recorrente da colonialidade, como supramencionado, que homogeneiza as margens da diferença que inventa e cultiva. Não há homogeneidade nas margens. Mulheres Indígenas e mulheres Negras enfrentam facetas diferentes da colonialidade, da mesma forma que mulheres lésbicas/bi/pansexuais das mulheres heterossexuais, como as mulheres cis das mulheres trans, ou como as pessoas não-binárias. Cada camada de margem se desdobra em opressões diferentes, em agências diferentes. Enquanto a colonialidade tenta pasteurizar a diferença, reverberamos a heterogeneidade das margens como espaço de resistência e ressignificação.

Enquanto lidamos com as consequências de uma colonialidade que ainda exerce seus efeitos sobre nós, corpos não-racializados avançam agendas que não nos contemplam, ainda que importantes. O patriarcado cristão trazido pela colonização alterou as relações de gênero e poder nas sociedades Indígenas, perturbando suas estruturas sociais de forma irremediável. Não há ponto de retorno possível, mas há caminhos para novas construções. Quando ouço mulheres Indígenas que afirmam não se sentirem contempladas pelo feminismo de modo geral, é porque as pautas das mulheres Indígenas são, primeiramente, étnicas. Só uma perspectiva decolonial e interseccional do feminismo pode dar conta das demandas e especificidades das mulheres dos povos Originários.

Para que possamos lidar com as demandas do presente e projetar para o futuro, precisamos olhar para o passado, porque suas consequências permeiam o cotidiano das mulheres Indígenas do continente. Não podemos “virar a página” do passado colonial se ainda sofremos com os reflexos da colonialidade. Como colocado por Eliane Potiguara (1950 -), em seu poema “Terra Cunhã” (2004):

Mulher indígena!
Que muito sabes deste mundo
Com a dor ela aprendeu pelos séculos
[...]

Mas luta, raiz forte da terra!
Mesmo que te matem por ora
Porque estás presa ainda
Nas garras do PODER e da história.

(POTIGUARA, 2004, p. 74-75, ênfase da autora)

O passado faz parte de quem somos hoje e precisamos lidar não apenas com os escombros das relações sociais de outrora, mas com as demandas de uma sociedade contemporânea em constante mudança. Sobrevivemos na adversidade e florescemos entre as pedras manchadas de sangue que construíram países sobre nossos territórios tradicionais.

Nesse sentido, Chrystos, em seu poema “Eu não sou sua princesa” (1988, p. 66-67), discorre sobre os estereótipos e expectativas projetados sobre as mulheres Indígenas na contemporaneidade e como resultado da homogeneização feita pelo entendimento eurocêntrico onde, mesmo quando versadas na cultura da branquitude, não encontramos espaço enquanto mulheres Indígenas. Nascida em São Francisco, nos Estados Unidos, Chrystos (1946 -) é mulher Indígena Menominee, mestiça, urbana, lésbica e ativista.

EU NÃO SOU SUA PRINCESA
Lixa entre duas culturas que rasgam
uma a outra Eu não sou

um meio pelo qual você pode alcançar compreensão espiritual ou sequer
aprender a trabalhar com miçangas
Eu só estou disposta a te dizer como fazer pão frito
1 xícara de farinha, colher de sal, colher de fermento em pó
Mexa Adicione leite, água ou cerveja até que fique firme
Molde cada parte em bolas Deixe descansar
Frite em gordura quente até dourar
Isso é comida de Índio
somente se você souber que Índio é uma palavra do governo
que não tem nada a ver com nossos nomes para nós mesmas
Eu não vou cantar para você
Eu não admito nenhuma espiritualidade para você
Eu não vou suar com você ou aliviar sua culpa com belos contos de
tartaruga
Não vou usar roupas de dança para ler poesia ou
explicar praticamente nada
Eu não acho que suas tentativas de nos entender vão funcionar então
Prefiro que você nos deixe em qualquer paz que ainda possamos
arranjar depois de tudo o que você continua fazendo
Se você me enviar mais um maldito folheto sobre como curar a mim
mesma
por \$ 300 com aconselhamento feminista especial
Eu provavelmente vou atear fogo em algo
Se você me disser mais uma vez que sou sábia, vomitarei em você
Olhe para mim
Veja minha confusão solidão medo preocupação com todas as
nossas
lutas para manter o pouco que resta para nós
Olhe meu coração não suas fantasias Por favor, nunca mais
me fale novamente sobre sua tataravó Cherokee
Não presuma que conheço pessoalmente todas as outras Ativistas
Nativas
no mundo Que eu sei nomes de todas as tribos
ou posso pronunciar nomes que nunca ouvi
ou que sou especialista no ponto peiote

Se você alguma vez
me disser novamente
quão forte eu sou
Vou me deitar no chão & gemer para que você veja
finalmente minha fraqueza humana como a sua
Eu não sou forte Eu estou em pedaços
Sou abençoada com a vida enquanto muitas que conheci estão mor-
tas
Eu tenho trabalho a fazer louça para lavar uma casa para limpar
Não há mágica
Veja minhas simples mãos rachadas que lavam as mesmas coisas
que
você lava Veja meus olhos escuros de medo em uma casa
sozinha
tarde da noite Veja que sentir pena de mim ou me adorar
são as mesmas coisas
1 xícara de farinha, colher de sal, colher de fermento em pó, líquido
para dar liga
Lembre-se, esta é apenas a minha receita Existem muitas outras
Me deixa descansar
aqui
finalmente

(CHRYSTOS, 1988, p. 66-67,)²

2 I AM NOT YOUR PRINCESS

Sandpaper between two cultures which tear

one another apart I'm not

*a means by which you can reach spiritual understanding or even
learn to do beadwork*

I'm only willing to tell you how to make fry bread

1 cup flour, spoon of salt, spoon of baking powder

Stir Add milk or water or beer until it holds together

Slap each piece into rounds Let rest

Fry in hot grease until golden

This is Indian food

only if you know that Indian is a government word

which has nothing to do with our names for ourselves

I won't chant for you

I admit no spirituality to you

Não há inocência entre nós, mulheres Indígenas, em idealizar um passado anterior à colonização, pensando todos os espaços ocupados por nós como espaços utópicos, livres de qualquer opressão. Nem todas as sociedades eram matriarcais. Mas nos negaram a oportunidade de desconstruir os espaços de opressão que existiam em instâncias de outrora quando nos forçaram o modelo de opressão colonial. Podemos projetar o quanto de prestígio e poder as mulheres tiveram em dadas sociedades pré-invasão, mas não podemos afirmar com

I will not sweat with you or ease your guilt with fine turtle tales
I will not wear dancing clothes to read poetry or
explain hardly anything at all
I don't think your attempts to understand us are going to work so
I'd rather you left us in whatever peace we can still
scramble up after all you continue to do
If you send me one more damn flyer about how to heal myself
for \$300 with special feminist counseling
I'll probably set fire to something
If you tell me one more time that I'm wise I'll throw up on you
Look at me
See my confusion loneliness fear worrying about all our
struggles to keep what little is left for us
Look at my heart not your fantasies Please don't ever
again tell me about your Cherokee great-great grandmother
Don't assume I know every other Native Activist
in the world personally That I even know names of all the tribes
or can pronounce names I've never heard
or that I'm expert at the peyote stitch
*If you ever
again tell me
how strong I am
I'll lay down on the ground & moan so you'll see
at last my human weakness like your own
I'm not strong I'm scraped
I'm blessed with life while so many I've known are dead
I have work to do dishes to wash a house to clean
There is no magic
See my simple cracked hands which have washed the same things
you wash See my eyes dark with fear in a house by myself
late at night See that to pity me or to adore me
are the same
I cup flour, spoon of salt, spoon of baking powder, liquid to hold
Remember this is only my recipe There are many others
Let me rest
here
at least
(CHRYSTOS, 1988, p. 66-67)*

certeza a extensão desses mesmos papéis, além de sabermos que eles não eram universais e sim variavam de acordo com cada nação pré-colombiana. Essa é mais uma parte da nossa História na ruptura, atravessada e interrompida pela realidade colonial.

É importante pensar, também, os modelos de opressão e sexismo inter e intra povos Originários, sobre os quais o pensamento ocidentalizado está disposto a passar o pincel do culturalismo. Além de ser importante considerar que o patriarcado de Abya Yala é hoje permeado pelo fantasma colonial eurocêntrico, não há homogeneidade também nas formas de opressão. “Misoginia, colorismo, etnocentrismo e abuso físico são tristes realidades entre povos Nativos e, a menos que os povos façam alguma coisa sobre esses problemas, ninguém mais fará” (MIHESUAH, 2003, p. xiv,³). As mulheres em uma perspectiva Pan-Indigenista possuem necessidades e desejos semelhantes, mas não os mesmos e nem mesmo da mesma forma para todas. Por mais que as lutas contra a colonialidade, contra o racismo, contra os estereótipos sejam semelhantes, elas não são as mesmas como tampouco são as estratégias de resistência. E, a menos que façamos alguma coisa, ninguém fará por nós. Um dos passos para o empoderamento é se tornar confortável em sua identidade (MIHESUAH, 2003, p. xvii).

O único consenso que podemos estabelecer é que não há consenso. As mulheres Indígenas variam de acordo com suas nações, contextos sociais, formação e aparência. Nenhuma teoria exclusivamente feminista conseguiria totalizar o pensamento da mulher Indígena, e há diferença entre os muitos entendimentos de feminismo, feminismo comunitário, feminismo interseccional, feminilidade, ativismo e conceitos correlatos. Reduzir a pluralidade de pensamentos das mulheres Indígenas em um entendimento monolítico de feminismo e ativismo é, mais uma vez, colonizar nossos corpos e pensamentos. A branquitude projeta, ao mesmo tempo, estereótipos em conflito sobre as identidades das mulheres Indígenas: a figura romantizada vs. hiper sexualizada, inculta vs. detentora dos saberes mágicos, aquela que precisa de tutela vs. a transmissora de conhecimentos milenares. No imaginário coletivo, ainda somos exóticas, selvagens, primitivas, e a “boa Indígena” é assimilada e dócil. Mesmo figuras históricas não escapam à distorção colonial do imaginário social: Pocahontas, vista como a princesa que salva o colonizador por amor; ou Sacagawea, vista como a sábia que guiou os colonizadores por territórios selvagens.

Como no trecho destacado do poema de Chrystos (1988, p. 66-67), o femi-

3 “*Misogyny, colorism, ethnocentrism, and physical abuse are sad realities among native people, and unless natives do something about these problems, no one else will*” (MIHESUAH, 2003, p. xiv). Tradução nossa.

nismo eurocentrado se apropria, sem cerimônias, dos conhecimentos tradicionais e espera das mulheres Indígenas uma libertação mística da opressão:

[...]

Eu não vou cantar para você

Eu não admito nenhuma espiritualidade para você

Eu não vou suar com você ou aliviar sua culpa com belos contos de tartaruga

Não vou usar roupas de dança para ler poesia ou

explicar praticamente nada

Eu não acho que suas tentativas de nos entender vão funcionar então

Prefiro que você nos deixe em qualquer paz que ainda possamos

arranjar depois de tudo o que você continua fazendo

Se você me enviar mais um maldito folheto sobre como curar a mim mesma

por \$ 300 com aconselhamento feminista especial

Eu provavelmente vou atear fogo em algo

Se você me disser mais uma vez que sou sábia, vomitarei em você

[...]

(CHRYSTOS, 1988, p. 66)

Muitas mulheres indígenas estão seguras em suas posições em suas nações e não sentem a necessidade de definições acadêmicas sobre feminismo para que compreendam a importância que possuem em suas culturas. “[As mulheres Indígenas] geralmente não têm interesse na teoria feminista branca, porque testemunharam mulheres brancas desfrutando dos privilégios de poder que advêm de serem brancas às custas das mulheres não-brancas” (MIHESUAH, 2003, p. 160,⁴). Grande parte da retórica do feminismo branco não reverbera nas mulheres Indígenas, mas isso não significa que todos os aspectos do feminismo branco são rejeitados, e as partes que compartilhamos não nos tornam menos Indígenas. Mulheres Indígenas que se autodenominam “feministas” não viraram as costas para as pautas Indígenas: elas acumulam lutas. Não deixamos de ser mulheres por sermos Indígenas e não deixamos de ser Indígenas por sermos feministas. A cobrança sobre o posicionamento das mulheres Indígenas

4 *[Native women] usually have no interest in white feminist theory, because they have witnessed white women enjoying the power privileges that come with being white at the expense of women of color* (MIHESUAH, 2003, p. 160).

em relação ao feminismo é, em certa medida, uma cobrança colonizadora, que exige que estejamos na mesma pauta do feminismo branco, que não precisa se preocupar com questões de raça e etnicidade. A contenda das mulheres Indígenas não é, necessariamente, entre a esfera doméstica e a esfera pública, mas entre sobrevivência e extermínio. E o fato de nos preocuparmos com sobrevivência e soberania não significa que fechamos os olhos para a luta contra a misoginia. Os pensamentos feministas Indígenas não precisam prestar contas ao feminismo europeu e nem traçam suas raízes à Revolução Francesa. Esses são feminismos que tentam achar espaço nas estruturas de poder opressoras, mas há feminismos que tentam dismantelar essas mesmas estruturas (PAREDES; GUZMÁN, 2014, p. 19).

Muitas ativistas relutam em se auto classificar como feministas, considerando – e com razão – que não fazem parte da massa branca e burguesa que clama propriedade sobre o feminismo, colocando os feminismos das minorias (étnico, ecológico, racial, comunitário, interseccional, etc.) como feminismo “classe B”, feminismo menor, não engajado totalmente com a libertação das mulheres. Infelizmente, o que o feminismo “classe A” falha em enxergar é que a libertação das mulheres que se identificam com os feminismos “classe B” está intimamente ligada às demais pautas que defendem. Não se trata de falar de descolonização, mas de descolonizar de fato (PAREDES, GUZMÁN, 2014, p. 19). Não há descolonização de gênero sem descolonização de pensamento, sem reparação, sem resoluções reais para os problemas criados e mantidos pela colonialidade. É muito comum para uma artista/acadêmica/ativista Indígena ser constantemente questionada quanto às outras mulheres Indígenas, como se fossemos a mesma pessoa dividida em várias identidades, como se fossemos um micro gueto identitário onde todas conhecem umas às outras. Ao mesmo tempo que muitas não-racializadas nos chegam com lendas de familiares Indígenas distantes, como para justificar um pertencimento que não possuem, validando automaticamente suas pautas e obliterando as pautas dos feminismos “classe B”:

[...]

Olhe para mim

Veja minha confusão solidão medo preocupação com todas as nossas
lutas para manter o pouco que resta para nós

Olhe meu coração não suas fantasias Por favor, nunca mais

me fale novamente sobre sua tataravó Cherokee

Não presuma que conheço pessoalmente todas as outras Ativistas Nativas

no mundo Que eu sei nomes de todas as tribos
ou posso pronunciar nomes que nunca ouvi
ou que sou especialista no ponto peioite
[...]

(CHRYSTOS, 1988, p. 66)

Somos a construção das que vieram antes de nós e somos o caminho para as que virão depois de nós. O tempo é cíclico, não-linear, e nosso passado compõe quem somos no presente e no futuro: somos o futuro porque somos a matéria do presente. Eterno ciclo de tempo. Não somos uma evolução das nossas avós, somos sua continuidade. E, enquanto mulheres, confundem nossa resiliência com um estado sobrenatural de força e não como o reflexo da necessidade de sobrevivência e continuidade. Nós sangramos vermelho urucum, choramos lágrimas salgadas, respiramos o mesmo ar, pisamos na mesma terra, bebemos da mesma água. Nossa desumanização é parte de um ideário que nos empurra constantemente para um passado colonial, onde somos desprovidas de agência e imunes ao trauma colonial.

[...]
Se você alguma vez
me disser novamente
quão forte eu sou
Vou me deitar no chão & gemer para que você veja
finalmente minha fraqueza humana como a sua
Eu não sou forte Eu estou em pedaços
Sou abençoada com a vida enquanto muitas que conheci estão mortas
Eu tenho trabalho a fazer louça para lavar uma casa para limpar
Não há mágica
Veja minhas simples mãos rachadas que lavam as mesmas coisas que
você lava Veja meus olhos escuros de medo em uma casa sozinha
tarde da noite Veja que sentir pena de mim ou me adorar
são as mesmas coisas
[...]

(CHRYSTOS, 1988, p. 67)

Em uma breve síntese, se é possível construir uma síntese de um assunto tão profundo e complexo, as mulheres Indígenas não são um monolito, não se conhecem todas, não estão imunes às estruturas patriarcais e não possuem respostas prontas para os problemas da colonialidade. O compromisso com as pautas étnicas, ecológicas e de soberania não extingue a pauta de gênero, mas se acumula em camadas de opressão que precisam ser vencidas. Para além de um discurso decolonial, mas por uma prática decolonial que seja capaz de produzir outros mundos possíveis e novas epistemes. As mulheres Indígenas são plurais e múltiplas, com sistemas culturais e sociais complexos e que diferem de acordo com suas nações, períodos, posicionalidade, por exemplo. Chrystos, em seu poema, fornece uma de várias possíveis receitas. Abraçar a multiplicidade das mulheres Indígenas é dismantelar o sistema de poder colonial, caminhando para uma sociedade menos injusta e opressora.

Recebido em: 14.03.2020 | Aprovado em: 27.03.2020

Referência Bibliográfica

ALENCAR, José. Iracema. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015 [1865]. E-book.

ASSUMPÇÃO, Natália Affonso O. The darkest hour is before dawn: (de)colonial(ity) aesthetics in Here comes the sun (2016) and No telephone to heaven (1987). 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CAMINHA, Pêro Vaz. Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. Notas de Maria Paula Caetano e Neves Águas. Lisboa: Parque EXPO, 1997. E-book.

CHRYSTOS. “I am not your princess”. In: CHRYSTOS. Not Vanishing. Vancouver: Press Gang, 1988. p. 66-67.

KLEIN, Laura F.; ACKERMAN, Lillian A. Women

and Power in Native North America. Norman: University of Oklahoma Press, 1995. p. 3-16

MIHESUAH, Devon Abbott. Indigenous American Women: Decolonization, Empowerment, Activism. Lincoln: University of Nebraska Press, 2003.

PAREDES, Julieta; GUZMÁN, Adriana. El Tejido de la Rebendía: ¿Qué es el Femenismo Comunitario? La Paz: Mujeres Creando Comunidad, 2014.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global, 2004.